

PRIMEIRO RECITAL NO BRASIL DA NOVA "POESIA CONCRETA"

NA SEGUNDA PARTE, UMA SINFONIA DE ANTON WEBERN —
MUITOS APLAUSOS E POUQUISSIMOS ASSOBIOS

2.a feira à noite no Teatro Brasileiro de Comédia, apresentou o Movimento "Ars Nova" o primeiro recital para o Brasil da música e poesia concretas.

POESIA MUITO VARIADA

A primeira parte constou de poemas de Augusto de Campos, Decio Pignatari, José Lino Gruenwald, Reynaldo Jardim, Ronaldo Azeredo, Haroldo de

Campos, Ferreira Gullar e Augusto de Campos, interpretados por uma equipe composta de Flormy Pinheiro, Maria José de Carvalho, Ruth Santos, Armando Pedro, Italo Rossi, José Egydio e Paulo Gonzalez. Pelos números apresentados, catorze, todos de pequena extensão, o que dificulta um pouco o julgamento, varia bastante o conceito que da poesia fazem os representantes da nova escola. Augusto de Campos, por exemplo, parece levar às últimas consequências a "desagregação da palavra", o que naturalmente ganha valor num recital por varias vozes: cada palavra, até cada sílaba, pode ser dita em um tom musical diferente, a que se pretende destacar será pronunciada por duas, três ou mesmo todas as vozes simultaneamente, criando uma pequena sinfonia cujas notas são parcelas de palavras da lingua portuguesa e cujos instrumentos são os varios recitantes. Já Ferreira Gullar, salvo melhor juizo, não fragmenta os vocábulos: quer apenas que eles sejam repetidos e se alternem, em vozes diferentes ou ditas em unísono. Já o "Comovido" de Ronaldo Azeredo, consta dessa palavra (e mais algumas?), dita em varias velocidades, varios timbres etc., exprimindo talvez estados emotivos, como o nome do poema indica, o que parece ligar um pouco com o que foi dito na explicação inicial da noite, lida por dona Maria José de Carvalho, e onde se disse que com a nova escola a poesia deixa de ser expressão de qualquer coisa fora dela (Deus, a natureza, até o homem!), para encontrar sua finalidade em si mesma, o que vem a ser uma nova afirmação do dogma da arte pela arte.

MUSICA, MESMO

Na segunda parte, apresentou-se a "Sinfonia op. 21" de Anton Webern, discípulo e superador de Arnold Schonberg, que destroi todos os canones da música anterior, para, fora das regras de contraponto, harmonia etc., fazer uma música completamente livre, "uma única melodia", em que se passa constantemente de um instrumento para outro. Por mais revolucionaria que seja uma composição desse género, nunca nos dá a impressão de quebra completa do rumo até agora seguido, pois afinal os elementos componentes da melodia são os mesmos, apenas mais livremente empregados e combinados. Em resumo, se a poesia concreta se aproxima da música, esta continua sendo música mesmo. Dirigiu o conjunto o maestro Diogo Pacheco, de "pullover" verde oliva.

PAZ ESTÉTICA

Ao contrario do que talvez esperassem seus organizadores, ansiosos por um conflito de facções estéticas como as que aconteceram quando se lançou o surrealismo, a música de Debussy e até o teatro romantico (a "batalha do Hernani" foi há mais de cem anos), a noite decorreu em quase completa ordem. Houve um ou outro riso. Uma moça indagou a certa altura "Acabou?", e um gato cruzou sossegadamente o palco durante a música, completando a sinfonia de cores dos "pullovers" dos músicos, onde só faltava o branco. Era o que faltava para mostrar que o concretismo já nasce muito conservador para nosso meio tão "avancado" esteticamente.

Instituto de Arte

5-6-57

PAULO

DE PAZ